



## CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA NO RADIOJORNALISMO: A INTERNET COMO FERRAMENTA NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICAS NAS EMISSORAS DE RÁDIO DA MESORREGIÃO SUDESTE DE MATO GROSSO <sup>1</sup>

Cálita Fernanda Batista de PAULA <sup>2</sup>

Roscéli KOCHHANN <sup>3</sup>

**Resumo:** Desde o surgimento do rádio, ele passa por um processo de constante mudança. Desse modo, o objetivo deste trabalho consiste em verificar como a internet interfere no processo de produção de notícia nas emissoras de rádio da mesorregião sudeste do estado de Mato Grosso. Pretende-se observar o rádio no contexto da convergência tecnológica. As discussões abordadas no artigo são centradas em autores do radiojornalismo e convergência. Este texto se insere no projeto “Rádio e convergência: uma análise do uso da internet na produção de radiojornalismo da mesorregião sudeste Mato-Grossense” e está na fase inicial da pesquisa.

**Palavras-chave:** Convergência tecnológica. Radiojornalismo. Sudeste Mato-grossense. Internet.

### 1. Introdução

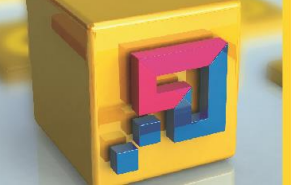
A sociedade vive hoje uma realidade cujo fator principal de desenvolvimento é a informação, dentro de um contexto de inovações tecnológicas que caminham em ritmo acelerado. Tal avanço tecnológico, aliado à necessidade da troca de informação, criou um

---

<sup>1</sup> Artigo enviado na modalidade “Novas narrativas e convergência em ciberjornalismo”

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unemat. Atuou como tutora (2013) na instituição, nas disciplinas de “Teorias da Comunicação” e “Análise Crítica da Mídia e Semiótica”. Colaborando como bolsista de Iniciação Científica (2012) no projeto de pesquisa: “Educação & Emancipação”. Atualmente Tutora em Radiojornalismo I, participa de um projeto de pesquisa “Rádio e convergência: uma análise do uso da internet na produção de radiojornalismo da mesorregião sudeste Mato-Grossense”. E-mail: kalitinha\_fernanda@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat é mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Comunicação Social - Hab. Jornalismo também pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é participante do Grupo de Pesquisa “Convergência e Jornalismo (Conjor)”, atuando em pesquisa de mídias sonoras. E-mail: rosce.li.ko@hotmail.com



ambiente propício para que os meios de comunicação se desenvolvessem e ocupassem um lugar central e influente na sociedade.

Vemos nascer um novo paradigma dentro do processo comunicacional: a convergência dos meios. No emergir deste fenômeno, novas e antigas mídias interagem de forma complexa e inesperada, alterando significativamente nossa relação não só com os meios de comunicação, mas também nossas relações sociais, políticas e culturais. Esta tecnologia possibilita que todos nós possamos ser não só consumidores de informação, mas também produtores e, desta forma, expandir nossa participação nos processos democráticos.

Considera-se que a internet tem atraído cada vez mais a atenção de pesquisadores como um novo espaço social no qual são gestadas novas formas de comunicação e convivência. Os canais midiáticos do ciberespaço, jornais *online*, *blogs*, *webtv* e *webrádios*, instauram novos formatos noticiosos nas plataformas *online*, graças à constituição de gêneros ciberjornalísticos. Diante disso, pretende-se verificar como a internet interfere na produção jornalística para o rádio, por consequência disso, sua linguagem está sofrendo alguma mudança significativa.

Haja vista, que as sociedades contemporâneas vivem uma virtualização dos meios de comunicação, o que adiciona outra dimensão ao debate. É esta nova realidade que pretendemos analisar. A complexidade deste fenômeno se dá não só pelo aumento das interações, mas pelo número de efeitos que o acompanham. Quando buscamos a compreensão do novo cenário comunicacional, torna-se limitante a abordagem de um só aspecto. Qualquer análise desta virtualização deve ser vista por vários ângulos.

As tecnologias digitais têm favorecido, senão o surgimento, a consolidação do jornalismo de tipo cidadão, com a proliferação dos recursos de interatividade, dos *blogs*, *chats* e de *sites* de disponibilização de vídeos que tendem a reconfigurar os valores jornalísticos e a relação entre jornalismo e público. Para isso, partimos do debate sobre a convergência, para compreender o fenômeno que buscamos identificar, o processo de produção de notícia no contexto da convergência nas emissoras de rádio da mesorregião sudeste do estado de Mato Grosso.



## 2. Convergência Tecnológica

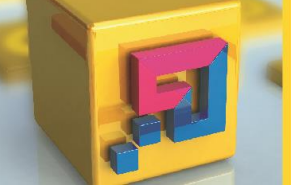
O jornalismo praticado na internet é objeto de estudo de muitos pensadores e pesquisadores, por ser algo relativamente novo e por se tratar de uma plataforma em constante mutação, portanto, gerando novas alternativas e características. Segundo Ferrari (2009, p. 9), “... na internet tudo acontece muito rápido – cada ano vale por sete.” A produção jornalística na Web tem características próprias, mas que influenciam na produção dos demais veículos.

Atualmente as tecnologias da comunicação e da informação trouxeram inúmeros avanços que permitiram agilidade no fluxo das notícias. Para que isso pudesse acontecer foi necessário absorver e adaptar as características dos meios de comunicação já existentes. Áudio, texto (escrito e imagético), vídeo e a interatividade foram transportados para a internet e seus vários “veículos” de comunicação e conexão com o público, esse processo é o que chamamos de convergência tecnológica.

De acordo com Kochhann, Freire e Lopez (2011) a convergência pode ser entendida como um processo gerado pelo aperfeiçoamento de diversas tecnologias, ou ainda, pelas novas ferramentas tecnológicas oferecidas todos os dias. Para Jenkins (2009) esse processo trata-se de uma transformação cultural. Ele acredita que neste ambiente o consumo de informações através de múltiplos dispositivos se intensifica.

Contudo, a convergência é um processo sociopolítico, econômico e cultural. Desse modo, a convergência está presente no cotidiano de todos. Hoje é impossível não conviver com ela e com suas consequências. Para Ferraretto (2007) o rádio, começou a se inserir neste processo de convergência tecnológica na década de 1990, com o uso do telefone celular como estratégia de apuração e com a incorporação da internet nas redações.

O processo de convergência se dá através da inter-relação das dimensões técnica, empresarial, profissional e de conteúdo, e esse processo não é padrão, mas acontece assimetricamente dependendo das necessidades de cada veículo, sendo que, o objetivo final do processo de convergência é a unificação das redações em um setor que pense estrategicamente a informação produzida para os diferentes meios, como apontam Salaverría e Negrodo (2008). Devido a essas características Corrêa (2011) observa que o foco atual da convergência diz respeito às redações e à produção de conteúdo.



### 2.1. O Rádio no Contexto da Convergência

Estamos vivenciando um contexto de convergência tecnológica e midiática. Uma mudança de paradigmas, como aponta Jenkins (2009), em que o conteúdo deixa de pertencer a uma mídia específica, fluindo por vários canais, em direção a múltiplos modos de acesso e “relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima” (JENKINS, 2009, p. 325).

Neste contexto, o rádio passa por processos de *midiamorfose*<sup>4</sup> (FIDLER, 1998) e *remediação*<sup>5</sup> (BOLTER e GRUSIN, 2001), adaptando-se novamente às tecnologias. À exemplo das transformações provocadas pelo surgimento da televisão, nos anos 1950, bem como do surgimento das transmissões em Frequência Modulada (FM), nas décadas seguintes, com o advento da internet e das tecnologias móveis de comunicação, o rádio vive hoje uma nova *radiomorfose*<sup>6</sup> (PRATA, 2009). Assistimos o desenvolvimento de um rádio, que é agora convergente, *hipermidiático*<sup>7</sup> (LOPEZ, 2010) e expandido<sup>8</sup> (KISCHINHEVSKY, 2012).

Quadros e Rutilli (2013) ao citar Lopez (2009), dizem que a convergência tecnológica do rádio se deu em três estágios integrados e complementares. O primeiro foi em meados nos anos 1990, quando os computadores chegaram às redações, viabilizando a edição digital de áudios e textos. Em seguida, o segundo estágio foi a tecnologização de diversas etapas do processo jornalístico, quando novas ferramentas passaram auxiliar na apuração, produção e transmissão das informações.

---

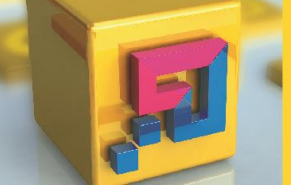
<sup>4</sup> Midiamorfose: O termo procura definir as transformações ocorridas em determinadas mídias devido a transformações de natureza social, política, econômica e tecnológica que envolve os meios de comunicação. Fidler (1998) aponta seis princípios da midiamorfose, são eles: coevolução e coexistência, metamorfose, propagação, sobrevivência, oportunidade e necessidade e adoção postergada.

<sup>5</sup> Remediação: Entende-se o processo de renovação de velhos conteúdos efetuado pelos novos meios, permanecendo desta forma uma ligação entre novos e velhos meios.

<sup>6</sup> Com os adventos tecnológicos e das mudanças sociais, o rádio passou por processos de mudança, sempre se aprimorando em relação aos outros meios de comunicação, esse processo é o que Prata (2009) chamou de radiomorfose.

<sup>7</sup> O rádio hipermidiático desenha seu diferencial através do uso da estética sonora como estímulo à exploração do caráter expressivo do meio. A autora apresenta quatro novos formatos para rádio, a saber: *Clipe*; *Áudios*; *Slide show*; *Charge Eletrônica*; e *Podcast*.

<sup>8</sup> Expandido: Um rádio que extrapola os limites do som e das ondas sonoras para apropriar-se de outras linguagens e suportes.



Por fim, o terceiro e último estágio da convergência no rádio, de acordo com Lopez (2009), foi a inserção das tecnologias disponíveis em todo o processo de construção e transmissão da notícia, configurando o desenvolvimento de uma “produção multimídia, com repórteres multiplataforma produzindo conteúdos em áudio, vídeo, texto, fotografia e infografia para a emissora” (LOPEZ 2009, p. 112). Nessa etapa, o computador ocupa papel central na redação, tornando-se o principal dispositivo de acesso à internet, tecnologia que, segundo Quadros e Rutilli (2013) provocou a atualização de estratégias, conceitos e práticas, vindo a ser utilizada como fonte e suporte para a informação.

Lopez (2009) analisa esse novo rádio, ainda baseado no som, mas agora diversificado em sua linguagem e suportes pelos recursos da tecnologia, denominando-o como rádio hipermediático:

Trata-se da configuração do rádio hipermediático, o que vai além da transmissão em antena, ampliando sua produção através da internet e dos dispositivos de rádio digital, mas que ainda mantém sua raiz no conteúdo sonoro. [...] O conteúdo multiplataforma, embora importante, não se apresenta como fundamental para a compreensão da mensagem. Trata-se de uma produção complementar, de aprofundamento, detalhamento, memória ou utilidade pública (LOPEZ, 2009, p. 140).

Nessa nova configuração da comunicação radiofônica, o som continua sendo o foco principal do meio, porém a informação passa a ser complementada por novos recursos, desde a produção de conteúdos multimídia, arquivos em *podcast* para consumo assíncrono<sup>9</sup>, até uma maior interatividade e alcance geográfico. Para Kischinhevsky (2012, p. 142) estamos falando de um rádio que se encontra expandido, ou seja, que com seus novos serviços e canais de distribuição “transborda para mídias sociais e microblogs, que potencializam seu alcance e a circulação de seus conteúdos”. Um rádio, portanto, que extrapola os limites do som e das ondas sonoras para apropriar-se de outras linguagens e suportes. Armand Balsebre define a linguagem radiofônica como:

O conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora

---

<sup>9</sup> Designação para o gênero mais comum de comunicação, seja por cabo seja por modem. Cada carácter vem entre bits de início e de fim, e a temporização entre os caracteres pode ser desigual, onde o seu oposto é a transmissão síncrona usada na comunicação com equipamentos informáticos. Que não se realiza ao mesmo tempo que outro.

e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes. (BALSEBRE, 2005, p.329)

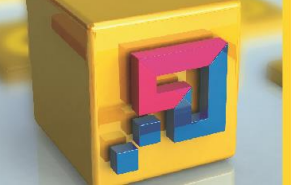
Inserido em um contexto de convergência tecnológica e midiática o rádio passa hoje por um processo de adaptação, alterando desde sua linguagem e conteúdo até suas rotinas de produção, à medida que incorpora novos recursos técnicos viabilizados pelas atuais tecnologias de informação e comunicação. Reconfigura-se, assim, como um rádio *hipermidiático* (LOPEZ, 2009) e expandido (KISCHINHEVSKY, 2012), que explora diferentes recursos multimídia, assim como transborda para as mídias sociais. Esse novo modelo de rádio influencia a atuação dos profissionais do meio inclusive no que se refere as formas de acesso as fontes. Neste sentido, os sites de redes sociais surgem como novas ferramentas à disposição dos radiojornalistas.

### 3. A Internet como Ferramenta para Produção Jornalística

A internet é capaz de difundir vídeos, áudios, textos. Quando acessamos o site da rádio *Gazeta FM*, por exemplo, encontramos imagens, áudios, vídeos e informações em forma de texto. Em uma mesma página, é possível observar conteúdos de diferentes formas, caracterizando assim um processo de convergência.



Figura 1: Site da Rádio *Gazeta FM* 90,9



Todo esse cenário de convergência traz muitas consequências ao campo do jornalismo. Kochhann, Freire e Lopez (2011) acrescentam que uma das mais visíveis é a ampliação do acesso à informação e as ferramentas de transmissão e intercâmbio de dados. Outra modificação causada a partir do processo de convergência é a respeito do perfil dos consumidores de mídia e a forma como eles participam da programação.

Se há alguns anos esses consumidores já participavam do processo de produção de rádio através de cartas, telefonemas ou mesmo comparecendo a redação, hoje eles participam muito mais, inclusive criticando e interagindo com os veículos. Pensando nesse papel reconfigurado do consumidor de mídia Kochhann, Freire e Lopez (2011) afirmam:

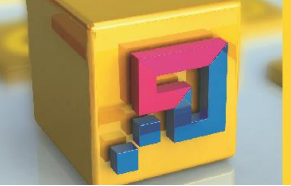
O rádio é um veículo que traz por característica a interação. Nos últimos anos é possível observar que a participação do público no processo de construção de programação radiofônica tem sido potencializada e uma relação entre produção e ouvinte tem sido estabelecida de forma mais intensa. O estudo dessa relação e suas consequências são fundamentais para que se possa entender a atual situação do radiojornalismo. (KOCHHANN, FREIRE e LOPEZ, 2011, p. 8)

Para Bianco (2009), no passado, o rádio era limitado ao que se estava disponível nas frequências AM e FM. Hoje, as possibilidades de escuta se estenderam com plataformas digitais. Claro que o rádio disponível em AM e FM continua presente nos dias dos ouvintes, mas possibilidades como mp3, celulares e internet são cada vez mais próximos ao público do rádio.

#### **4. O Uso das Redes Sociais pelas Emissoras de Rádio**

Podemos considerar que o uso das redes sociais no cenário da convergência possibilita a interatividade onde o público também é produtor de conteúdos, o que é muito importante para o veículo. O uso dessas ferramentas tem aproximado ainda mais os ouvintes, gerando uma maior interação entre eles e os profissionais da emissora, ou seja, é um mecanismo importante de interação e aproximação com o público. Por outro lado é um meio de divulgar o veículo e produtos da emissora, atraindo mais ouvintes mesmo que momentaneamente.

As redes sociais funcionam também como um suporte na apuração, contribuindo para a produção diária no jornalismo. Por meio do *twitter*, dos *blogs*, do *facebook* as



emissoras de rádio conseguem boas sugestões de pauta, além de comentários e participação do ouvinte/internauta. Para Lopez, “o ouvinte agora também ouvinte-internauta busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar. Mais que nunca, o ouvinte participa” (LOPEZ, 2009, p.202).

Ribeiro e Meditsch (2006) chegam afirmar que “os usuários que ouviam as suas observações no ar, ao passarem a ser citados durante o programa, começam a participar do chat com mais frequência: ‘a partir do momento em que ele percebe que pode contribuir, ele retorna’, explica Mário Motta” (RIBEIRO e MEDITSCH, 2006, p.7). Isso comprova ainda que a interação proporcionada se torna uma forma de fidelizar o ouvinte e estimula-lo a participar da programação de forma direta.

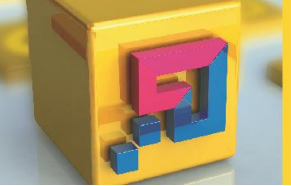
O contexto da convergência do qual o rádio passou fazer parte tornou-se propício para o surgimento de um novo espaço informativo que, segundo Recuero (2011, p. 1), não é “[...] mais inteiramente dominado pelos chamados meios de comunicação de massa, mas igualmente pelos fluxos gerados por essas tecnologias”. Contudo, as ferramentas sociais disponibilizadas na internet permitem ainda acesso a um volume maior de informação, o que facilita auxiliando no processo de produção de notícia.

Nesse ambiente, as informações circulam em um espaço virtual propiciado pela web e novas ferramentas são criadas para sustentar a chamada teia informativa, entre as quais se incluem os sites de redes sociais. Estes, por sua vez, atuam como vias de informação permanentemente abertas.

Para Zago (2011) os sites que abrigam redes sociais constituem espaços públicos mediados, ambientes onde as pessoas podem reunir-se publicamente através da mediação da tecnologia. A partir dessa característica, os sites de redes sociais desempenham papel complementar à função do jornalista. Para Weber (2012) os profissionais apropriam-se dessas ferramentas, utilizando-as para coletar dados e fontes, reportar acontecimentos, monitorar e obter *feedbacks*, dessa forma modificando seus processos produtivos:

Partimos do pressuposto de que as apropriações das redes sociais modificam profundamente os processos de produção noticiosa, no contexto da produção dos formatos hipermediáticos e que podem contribuir de forma positiva para a informação jornalística, agregando valor ao produto noticioso, tornando-o mais completo e, principalmente, envolvendo o público leitor/usuário no processo (WEBER, 2012, p 150).





Indo ao encontro de Weber (2012), Recuero (2009) identifica três relações possíveis entre as redes sociais digitais e o jornalismo: como fontes, filtros de informação e espaços de reverberação. A primeira relação, segundo a autora, é justamente a “mais óbvia contribuição das redes sociais para jornalismo” (RECUERO, 2009, p.46). Ela indica a possibilidade de utilização desses sites de duas formas principais: para a busca de especialistas que podem auxiliar na construção de notícias ou fornecer informações em primeira mão; e como ambientes capazes de gerar pautas, a partir das mobilizações e conversações mantidas pelos atores sociais. Nesse sentido, a filtragem de informações, bem como o ambiente de reverberação mantido pelas redes sociais na internet (RSIs) contribuem para o trabalho do jornalista, que encontra nestas ferramentas uma forma de identificar os assuntos e anseios dos grupos sociais, que podem vir a tornar-se pauta para o noticiário.

Considerando as definições de fontes jornalísticas apresentadas no primeiro tópico, podemos observar nas redes sociais digitais a presença tanto de indivíduos como de instituições fornecedoras de informações para o jornalismo. Estas podem ser acessadas pelos profissionais, assumindo uma postura passiva, mas podem utilizar este espaço para sugerir pautas para os meios de comunicação, de forma ativa. Da mesma forma, podemos relacionar as RSIs a documentos, que são consultados pelos profissionais.

Lopez (2009) confirma essa relação possível entre as redes sociais digitais também com o radiojornalismo. A autora analisa essa tendência, porém, sob duas perspectivas. Por um lado, a variedade de fontes e informações disponíveis nos sites de redes sociais agiliza o trabalho do jornalista, à medida que muitas vezes as próprias fontes se manifestam espontaneamente, assim como a diversidade de vozes também pode contribuir de maneira a complementar a notícia. Por outro lado, o uso das RSIs pode gerar certo comodismo nas redações, estimulando a prática do “jornalismo sentado”, em que o repórter limita o processo de apuração, acostumando-se a utilizar materiais e declarações prontas disponibilizados na web, muitas vezes ignorando os interesses por trás de tais informações.

## **5. Mapeamento das Emissoras de Rádio da Mesorregião Sudeste do Estado**

Na fase inicial do projeto, mapeamos as emissoras de rádio da mesorregião sudeste do estado, o objetivo é verificar a quantidade e os tipos de emissoras. Como resultado, a

mesorregião sudeste é formada por 22 municípios e possui uma área total de 71.887,201 km<sup>2</sup>. A pesquisa identificou a existência de 23 emissoras até o dia 19/07/2014, entre AM, FM e webrádios. É importante destacar que, dos 22 municípios da região, nove possuem pelo menos uma emissora. Quatro cidades se destacam por contar com mais de uma rádio: Guiratinga (2), Pontal do Araguaia (2), Primavera do Leste (2) e Rondonópolis (7). Outro dado inicial importante é que 16, das 23 emissoras, possui site próprio sendo que uma delas disponibiliza seu conteúdo exclusivamente pela internet. O próximo passo para pesquisa serão estudos, para ver como elas fazem uso da internet no processo de convergência tecnológica.

### 6. Jornalismo de Rádio na Mesorregião Sudeste de Mato Grosso

As emissoras que dialogam com seus públicos nas ondas hertzianas também recebem contribuições dos ouvintes em outras plataformas digitais. De acordo com Manuel Chaparro, a criatividade jornalística, as interações democráticas, as razões do mercado e as novas possibilidades de linguagem criadas pelas tecnologias ao longo dos anos, aliadas à busca da eficácia, produziram “novas intencionalidades e as impôs na utilização das formas discursivas do relato da atualidade” (CHAPARRO, 2008, p. 137). Partindo desse pressuposto, a fase inicial do projeto propôs em analisar três emissoras de rádio, observou-se a grade de programação da *Rádio Aurora*, da *Rádio Integração* e da *Rádio Nascente* ao transmitir a programação em uma frequência modulada (FM).

Diariamente programas sertanejos, religiosos, jornalísticos e humorísticos vão ao ar. Contudo, a programação jornalística das emissoras citadas se dá através do programa *Mato Grosso no Ar*<sup>10</sup>, veiculado a partir de Cuiabá. Os fatos noticiados pelo programa, antes de irem ao ar são apurados, por uma equipe de profissionais de comunicação. Observa-se que as notícias seguem rigidamente os critérios de noticiabilidade. Nelson Traquina (2005, p. 62) diz que diversos estudos revelam que os jornalistas têm “uma enorme dificuldade” em explicar o que é notícia e deixar claro quais são os seus critérios de noticiabilidade. O autor

---

<sup>10</sup> O programa de rádio “Mato Grosso no Ar” transmite notícias que atendem a todo o estado mato-grossense.



cita Marcelo Parada quando diz que os jornalistas são movidos pelo “faro” na escolha do que é notícia.

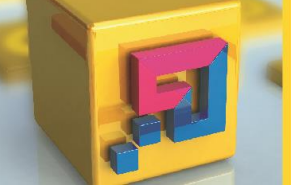
Nesse modo as emissoras de rádio *Integração FM* e *Nascente FM* não tem programa noticioso específico, as notícias da cidade ou região são veiculadas em forma de notas, já que é transmissão de outros veículos. No momento em que a notícia ocorre, o locutor abre um espaço para noticiar o fato. Por outro lado à rádio *Aurora FM* tem um radiojornal ao meio-dia. Aos sábados e domingos, os programas que vão ao ar são gravados, dessa forma os veículos transmitem músicas. No período de segunda a sexta-feira os programas são ao vivo. Sendo assim, as notícias são veiculadas no meio da semana. A internet serve como ferramenta de escolha de pautas e notícias.

## 7. Considerações Finais

Com a emergência da Internet e a possibilidade de todos os meios migrarem para este novo espaço, criou-se a ideia de que se verificaria uma convergência de conteúdos e aparecimento de uma nova linguagem. É o que Salaverría (2010, p. 39) chama “confluencia de contenidos”, ou seja, os grupos que integram jornais, rádios e/ou televisões transportam para as versões digitais os conteúdos de todos os seus meios criando uma sensação de multimedialidade que não é mais do que uma oferta tripla da mesma informação.

Em termos de conteúdos jornalísticos, e no que se refere ao campo do gênero notícia, a convergência implica a implementação de um conjunto de alterações ao nível da arquitetura da notícia, bem como a existência de regras para uma adaptação dos vários tipos de conteúdos a diferentes situações. Canavilhas (2007) propõe uma arquitetura (Pirâmide Deitada) e uma gramática multimédia que procuram indicar como, quando e onde devem ser utilizados links, vídeos, sons, fotos e infografias. A proposta pretende ser um ponto de partida para a estabilização de um conjunto de regras que permita ao jornalismo passar da fase de remediação para a de conteúdos convergentes, explorando eficazmente as potencialidades da Web.

Acredita-se que a distribuição dos conteúdos jornalísticos em multiplataformas influencia a condição do dispositivo jornalístico. Ora, se o dispositivo pode ser considerado como suporte apoiado em determinada tecnologia, como já visto em Charaudeau (2007), a



partir do momento em que a sua estruturação em nome de um veículo jornalístico se dá em múltiplos espaços e mediante a apropriação de diferentes aparatos tecnológicos, surgem lógicas diferenciadas na sua organização.

As plataformas analisadas têm como principal forma de veiculação de notícias a internet. Uma ponte de ligação entre os seus internautas e ouvintes, onde eles passam a ser produtores de informação, um exemplo, é a rádio Nascente FM nota-se essa participação se dá através de um link na internet, onde o ouvinte pode participar da programação da emissora.

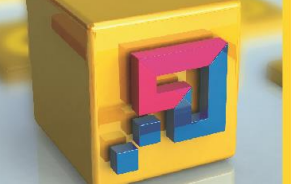
No contexto da convergência, as mídias sociais servem para a busca de pautas ou interação com os ouvintes, o processo de produção e divulgação das notícias continua praticamente o mesmo. Seja por falta de equipamentos ou de pessoal. Ainda na fase inicial da pesquisa, pode perceber que nas três emissoras analisadas, as equipes de radiojornalismo não produzem muito conteúdo multimídia. Também não houve avanços no que se refere ao uso da hipertextualidade ou da personalização de conteúdos.

A única mudança que pode ser observada foi nas formas de interatividade por parte do ouvinte. Antes realizada por meio de telefonemas e até mesmo cartas, mais recentemente por e-mails e mensagens, agora pelo Twitter e Facebook, os ouvintes adotam novas formas de opinar e participar da programação. Muitas vezes essas participações tornam-se o próprio conteúdo da programação, sem que haja maior elaboração jornalística como checagem, análise ou repercussão.

Contudo, o projeto de pesquisa esta em fase inicial, e trabalha com o mapeamento da mesorregião sudeste do estado de Mato Grosso, que se resume em 22 municípios, ainda não foi realizado o acompanhamento total da programação das emissoras. Portanto esse será o próximo passo para pesquisa. Vale ressaltar que essa pesquisa faz parte de um projeto maior, desenvolvido por um grupo da Unemat, trata-se das primeiras aproximações com meu objeto de estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A partir desse projeto maior, meu o seu objetivo é realizar o estudo mais profundo da microrregião de Alto Araguaia, que compreende três municípios: Alto Araguaia, Alto Taquari e Alto Garças.

## **8. Referências Bibliográficas**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e



Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BALSEBRE, A. **A Linguagem Radiofônica**. In: MEDITISCH, E. (Org). Teorias do Rádio: Textos e Contextos. Florianópolis, SC: Insular, 2005, p. 327-336.

BIANCO, Nelia Del. **O Futuro do Rádio no Cenário da Convergência Frente às Incertezas Quanto aos Modelos de Transmissão Digital**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, Anais. Curitiba: INTERCOM, 2009.

BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. Remediation: understanding news media. Cambridge: The MIT Press, 2001.

CANAVILHAS, J. **Webnotícia: Propuesta de Modelo Periodístico para la Web**. Covilhã: Livros LabCom, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'alem Mar**: Travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CHARAUDEAU, P. **O Discurso das Mídias**. Contexto, 2007.

CORREIA, J. C. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos**. Covilhã, Portugal: LABCOM Books, 2011. Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110524-correia\\_manual\\_noticial.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110524-correia_manual_noticial.pdf)>. Acesso em: 20 de agosto de 2014, às 09h10min.

FERRARETTO, L.A. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, Anais. Santos, SP: INTERCOM, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0046-1.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014, às 10h38min.

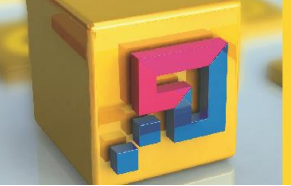
FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2009. 119p.

FIDLER, R. **Mediamorfosis: comprender los nuevos medios**. Buenos Aires: Ediciones Granica, 1998.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, M. **Radiojornalismo comunitário em mídias sociais e microblogs: circulação de conteúdos publicados no portal RadioTube**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 9, n. 1, jan-jun.2012. p. 136-148.

KOCHHANN, R.; FREIRE, M.; LOPEZ, D. **Rádio: convergência tecnológica e a evolução dos dispositivos**. In: Encontro Nacional de Histórias da Mídia. Santa Maria, RS: 2011. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Radio%20convergencia%20tecnologica%20e%20evolucao%20dos%20dispositivos.pdf>> Acesso em: 20 de agosto de 2014, às 12h40min.



LOPEZ, D. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** Covilhã, Portugal: LabCom, 2009. Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora\\_lopez\\_radiojornalismo.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf)>. Acesso em: 20 de agosto de 2014, às 10h45min.

PRATA, N. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação.** Florianópolis: Insular, 2009.

QUADROS, R. M.; RUTILLI, M. **As redes sociais como fonte para o radiojornalismo: uma abordagem quantitativa.** In: Sipecom. Santa Maria, RS: 2013. Disponível em: <[http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity\\_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/Quadros-Rutilli.pdf](http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/Quadros-Rutilli.pdf)> Acesso em: 20 de agosto de 2014, às 19h45min.

RECUERO, R. **“Deu no Twitter, alguém confirma?”: funções do jornalismo na era das redes sociais.** In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 9, Anais. Rio de Janeiro: SBPJor, 2011. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC\\_37.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC_37.pdf)>. Acesso em: 20 de agosto de 2014, às 10h45min.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009. SWALES, J.M. Genre Analysis. Cambridge: University Press, 1990.

RIBEIRO, A.; MEDITSCH, E. **O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência na CBN-Diário AM de Florianópolis.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, Anais. Brasília: INTERCOM, 2006.

SALAVERRÍA, R. **Estructura de la Convergencia de Medios.** In: LOPEZ, Xosé; PEREIRA, Xosé (org). Convergencia Digital: Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. p. 27-40.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado: convergência de médios y reorganización de redacciones.** Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, a Tribo Jornalística: Uma comunidade interpretativa transnacional.** 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WEBER, C. T. **Apropriação de redes sociais em formatos hipermidiáticos no Clarín.com, FinancialTimes.com e NYTimes.com.** In: LONGHI, R. ANDRÉA, C. (Org). Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012, p 145- 159.

ZAGO, G. **Informações jornalísticas no Twitter: redes sociais e filtros de informações.** Comunicologia – Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília. n. 8, 2011, p. 58-73.